

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E LITERATURA

ANELIZE DIAS SOARES

**A DISCUSSÃO SOBRE PRECONCEITO/VARIAÇÃO LINGUÍSTICA  
NOS MATERIAIS PARA O PROFESSOR: UMA ANÁLISE DOS  
MANUAIS DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

ANELIZE DIAS SOARES

**A DISCUSSÃO SOBRE PRECONCEITO/VARIAÇÃO LINGUÍSTICA  
NOS MATERIAIS PARA O PROFESSOR: UMA ANÁLISE DOS  
MANUAIS DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura” -

Orientador: Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci

CURITIBA - PR

2018



### **TERMO DE APROVAÇÃO**

A DISCUSSÃO SOBRE PRECONCEITO/VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS MATERIAIS PARA O PROFESSOR: UMA ANÁLISE DOS MANUAIS DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Por

**ANELIZE DIAS SOARES**

Monografia apresentada às 14:15, do dia 4 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

---

ROBERLEI ALVES BERTUCCI

UTFPR - Curitiba  
(orientador)

---

Ana Paula Pinheiro da Silveira  
UTFPR - Curitiba

---

EVANDRO DE MELO CATELÃO  
UTFPR - Curitiba

## RESUMO

SOARES, Anelize Dias. **A discussão sobre preconceito/variação linguística nos materiais para o professor: uma análise dos manuais do Governo do Estado de São Paulo.** 2018. 29 f. Monografia de Especialização da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Especialização em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura).

Neste trabalho será elucidado o tratamento pedagógico dado às variações linguísticas a partir de situações de aprendizagem contidas no Caderno do Professor do Governo do Estado de São Paulo, da análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais e do Currículo do Estado de São Paulo. Em virtude de se priorizar o ensino da norma-padrão, sendo esta mais prestigiada socialmente, as práticas de ensino ainda estão centradas na gramática normativa, produzindo julgamentos linguísticos, considerando, muitas vezes, as variedades linguísticas como erros que devem ser corrigidos. Diante disso, é necessário compreender como tem se dado o processo de ensino-aprendizagem das variações linguísticas e em que medida as orientações pedagógicas e as atividades contribuem ou não para o preconceito linguístico.

**Palavras-chave:** Variações Linguísticas. Caderno do Professor. Currículo do Estado de São Paulo. Parâmetros Curriculares Nacionais. Preconceito Linguístico.

## ABSTRACT

SOARES, Anelize Dias. **The discussion of linguistic prejudice/linguistic in teacher's materials: an analysis of the textbooks of the São Paulo State Government.** 2018. 29 f. Monografia de Especialização da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Especialização em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura).

This work will elucidate the pedagogical treatment given to linguistic variations from learning situations contained in the Teacher's Notebook of the São Paulo State Government, the analysis of the National Curricular Parameters and State of São Paulo Curriculum. Due to prioritize the teaching standard, being this most prestigious socially, teaching practices are still focused on the normative grammar, producing linguistic judgments, whereas often the linguistic varieties as errors that must be corrected. Given this, it is necessary to understand how has given the teaching-learning process of linguistic variations and to what extent the pedagogical guidelines and activities contribute to the linguistic bias.

**Keywords:** Linguistic Variations. Professor Notebook. Curriculum of the State of São Paulo. National Curriculum Parameters. Linguistic Bias.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Atividade 1 proposta para o 6º ano.....	20
Figura 2 – Atividade 2 proposta para o 6º ano.....	21
Figura 3 – Atividade sobre tipologias narrativas proposta para o 7º ano.....	22
Figura 4 – Atividade sobre o modo imperativo proposta para o 8ºano.....	23
Figura 5 –Atividade proposta para o 9º ano sobre o gênero contrato.....	24
Figura 6 – Continuação da atividade para o 9º ano sobre o gênero contrato.....	25

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	09
1.1 Como os PCNs e o Currículo do Estado de São Paulo orientam o trabalho pedagógico com as variações linguísticas?.....	09
1.2 As orientações didáticas para o ensino das variações linguísticas.....	11
1.3 Reflexões sobre variação linguística e ensino.....	16
2 OS MANUAIS DO PROFESSOR.....	19
2.1 Os manuais do professor como material de apoio ao Currículo do Estado de São Paulo...	19
3 A PESQUISA.....	20
3.1 O estudo dos manuais do professor a partir dos PCNs e do Currículo do Estado de São Paulo.....	20
3.2 Os resultados obtidos a partir da análise das atividades e orientações propostas sobre as variações linguísticas.....	25
4 CONCLUSÕES SOBRE OS RESULTADOS.....	27
REFERÊNCIAS .....	28
ANEXOS .....	29

## INTRODUÇÃO

Há vários avanços na questão dos estudos sociolinguísticos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) atentam para a importância de estudar as variações linguísticas e as suas implicações no ensino de língua materna. Além de tratar dos objetivos gerais para o ensino de Língua Portuguesa, o documento orienta que as práticas pedagógicas estimulem os alunos, a partir dos conhecimentos prévios que possuem, a pensarem sobre a sua própria linguagem e a ampliarem as suas competências linguísticas, sabendo mobilizá-las e articulá-las nas mais diversas situações de uso. Para tanto, é necessário que se tenha um tratamento didático adequado para o ensino, com atividades voltadas à análise linguística. No entanto, os manuais que orientam o trabalho docente, ora ignoram as variações linguísticas, ora desconsideram a sua relevância, colaborando para uma abordagem ineficiente e insatisfatória. Tal atitude contribui para a propagação do preconceito linguístico.

Os manuais do professor do Governo do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental II trazem orientações pedagógicas de como serem trabalhadas as atividades a partir de algumas sequências didáticas. O material surge como complemento do Currículo do Estado de São Paulo. O objetivo da pesquisa é analisar de que forma o trabalho pedagógico é orientado quanto às variações linguísticas e se as atividades contidas nesses manuais correspondem às orientações dos PCNs, do Currículo do Estado de São Paulo e à sociolinguística, não contribuindo para situações de preconceito linguístico.

Muitas vezes, nas mais diversas situações cotidianas e, infelizmente, na escola, a expressão popular e cultural da língua é alvo de críticas, chacotas, sendo ridicularizada. O preconceito mostra a necessidade de se refletir sobre as variações linguísticas, não de maneira acrítica e abordada pelos professores em apenas algumas aulas de português, mas de maneira a desenvolver nos alunos a consciência linguística e respeito por todas as manifestações culturais e linguísticas.

Além disso, é por meio de práticas pedagógicas de ensino que, infelizmente, o preconceito linguístico tem se perpetuado na sociedade, atendendo aos interesses de uma classe dominante, que tem ditado o que é norma culta, norma-padrão, desconsiderando as variações existentes dentro dessa linguagem culta. Por outro lado, temos os coloquialismos da nossa língua desprestigiados, desrespeitados, como se tais variações linguísticas não representassem a expressão cultural do nosso povo. Estudar as situações nas quais ocorrem o preconceito, as causas e as possíveis soluções para o problema, pode abrir caminhos para



novos modos de se ensinar e aprender o nosso português, além de formar cidadãos mais conscientes e humanos, a partir de suas expressões e identidades culturais.

Dessa forma, a pesquisa tem como:

**Objetivo geral:** Compreender o tratamento da variação linguística em materiais pedagógicos aos professores de SP.

**Objetivos específicos:**

a) Descrever como documentos oficiais e a teoria tratam o problema da variação/preconceito.

b) Identificar o tratamento da variação nos manuais.

c) Analisar a adequação do tratamento da variação nos materiais à luz dos documentos e da teoria.

O primeiro capítulo tratará da fundamentação teórica, explicando como os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Currículo do Estado de São Paulo orientam o trabalho com as variações linguísticas. Em seguida, serão elucidadas as orientações didáticas para o ensino das variações linguísticas, segundo a visão dos autores.

No segundo capítulo serão apresentados os manuais do professor como material de apoio ao Currículo do Estado de São Paulo. A partir dessas informações será feita a pesquisa, verificando se os manuais do professor estão em consonância com os documentos e os autores estudados. Com os resultados obtidos durante a pesquisa será feita a conclusão sobre este trabalho.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Como os PCNs e o Currículo do Estado de São Paulo orientam o trabalho pedagógico com as variações linguísticas?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) tratam do ensino das variações linguísticas tanto na primeira parte do documento, trazendo as *Implicações da questão da variação linguística para a prática pedagógica*, como na segunda parte, com as *Orientações didáticas específicas para alguns conteúdos*, sendo estes: a *variação linguística*, o *léxico* e a *ortografia*.

Na primeira parte, o documento traz orientações claras quanto ao desenvolvimento do trabalho pedagógico a partir de uma perspectiva que considera as variações linguísticas um fenômeno natural, tendo em vista, as constantes mudanças da língua, quanto ao modo de pronunciar as palavras, de empregá-las em determinados contextos, tanto nos aspectos morfológico como sintático, demonstrando, portanto, que elas existem independentemente da gramática normativa, além de não serem variantes fixas, pois são modificadas de acordo com os valores sociais.

As escolhas linguísticas são feitas a partir das situações sociais em que os indivíduos estão inseridos, das relações estabelecidas entre eles e de fatores geográficos, socioeconômicos, de idade e gênero. Dessa forma, a língua não pode ser validada e legitimada a partir de uma única modalidade oral e escrita por dois motivos: os indivíduos não escrevem como falam e certos equívocos advindos das sociedades letradas precisam ser esclarecidos. A confusão ocorre quando, geralmente, se julga o modo de se falar adequadamente em determinada situação com o de se falar de acordo com as normas gramaticais. Geralmente, “se confunde falar apropriadamente à situação com falar segundo as regras de bem dizer e escrever”, de acordo com a gramática tradicional. (BRASIL, 1998, p.30).

Nesse sentido, os PCNs (1998, p.30) apontam para outros mitos, que precisam ser desfeitos:

“[...] o de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.”

Todos esses mitos ou crenças, segundo os PCNs, prejudicam o ensino de língua portuguesa, pois desvalorizam a expressão e a identidade cultural dos alunos e de suas comunidades, trazendo-lhes a falsa sensação de incapacidade comunicativa, contribuindo para

o preconceito linguístico. O processo de ensino-aprendizagem deve considerar os diferentes padrões de fala e escrita, permitindo aos indivíduos realizarem escolhas orais e escritas, de modo que eles saibam adequar o discurso às diversas situações comunicativas, levando em consideração a intenção enunciativa, o contexto e os interlocutores. Para tanto, é necessário que os alunos tenham contato com textos variados, explorando as variações linguísticas.

A segunda parte dos PCNs evidencia o conhecimento prévio que aluno traz consigo ao iniciar o processo de escolarização. Certamente, mesmo antes de frequentar a escola, ele domina um tipo de variação linguística, pode até saber diferenciar situações em que se deve empregar determinada variante (formal ou informal) e reconhecer que muitas pessoas são discriminadas pelo modo como se comunicam.

Diante disso, cabe à escola combater o preconceito linguístico, não contribuindo para atitudes discriminatórias, não tratando as variações linguísticas dos alunos e todo conhecimento que eles têm sobre a língua como algo errado, pois há muitas variações, inclusive, na norma culta. Dessa forma, todas as variações são legítimas e devem ser estudadas e respeitadas.

Os PCNs representam um marco para o ensino de variações linguísticas, pois esclarecem os problemas de práticas pedagógicas baseadas na gramática tradicional e orientam o trabalho docente a partir da perspectiva sociolinguística. Além disso, o documento traz à tona a necessidade de se repensar o ensino de língua materna, atentando para os princípios de adequação ou inadequação linguística, tornando o processo de ensino-aprendizagem questionador, reflexivo e crítico, no qual professores e alunos dialogam juntos, participando ativamente da construção do conhecimento, sendo capacitados para identificar, compreender e combater o preconceito linguístico.

*O Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias (2011)*, tem como eixo principal priorizar a competência leitora e escritora dos alunos de modo que o processo de ensino-aprendizagem seja realizado a partir do texto e dos diferentes gêneros textuais.

Segundo a proposta, texto é toda unidade discursiva oral ou escrita, coerente e possível de ser interpretada dentro de um determinado contexto. Partindo dessa perspectiva, o desenvolvimento da competência linguística não contemplará somente o ensino da norma-padrão, mas também de outras variedades linguísticas.

Nesse sentido, defende-se que “a atividade de Língua Portuguesa deve evitar que o aluno se sinta um estrangeiro ao se utilizar de sua própria língua: é necessário saber lidar com os textos nas diversas situações de interação social.” São Paulo (2011, p.32). Dessa forma, os conhecimentos prévios dos alunos sobre a língua devem ser valorizados e ampliados a partir do estudo das variações linguísticas.

No que diz respeito aos estudos dos aspectos gramaticais da língua, gostaríamos de ressaltar ainda dois pontos: haverá momentos de sistematização, com destaque maior para os temas que geram mais problemas de uso para os falantes (em razão das diferenças entre norma-padrão e outras normas). Além disso, nosso olhar gramatical seguirá a organização tradicional apresentada pelos livros didáticos, tendo, no entanto, o cuidado de expor os temas dentro da perspectiva das variedades linguísticas e textuais. (SÃO PAULO, 2011, p.37)

De acordo com a proposta curricular, as sequências didáticas e as orientações contidas nos Cadernos do Professor colaboram para o desenvolvimento das competências e habilidades linguísticas a serem alcançadas em cada semestre por meio de atividades que partem, inicialmente, do estudo de um agrupamento tipológico e de gêneros textuais.

Os Cadernos do Professor trazem ainda, no início de cada situação de aprendizagem, um quadro, indicando os conteúdos e habilidades relacionados à sequência didática a ser desenvolvida. A partir disso, veremos em Metodologia alguns exemplos de sequências didáticas, orientações pedagógicas e atividades que abordam as variações linguísticas e o preconceito linguístico.

## **1.2 As orientações didáticas para o ensino das variações linguísticas**

Em 1985, ao publicar *Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino*, Celso Pedro Luft propõe a discussão a respeito das inúmeras formas de comunicação produzidas pelos falantes em decorrência da gramática natural.

O autor define a gramática natural como um sistema de regras internalizadas pelos indivíduos desde a infância. Para ele, a criança e mesmo o adulto não alfabetizado possuem o conhecimento necessário para a comunicação, o que não sabem é nomear tecnicamente esses conhecimentos. “A gramática natural é flexível e variável. Toda língua, sistema de usos & costumes verbais, espelha os demais usos & costumes humanos.” (LUFT, 1985, p.44). Além disso, cada indivíduo traz consigo a sua língua materna, marcada por diferenças culturais, regionais, sociais e econômicas.

Segundo ele, grande parte dos professores apresentam dificuldades em trabalhar as variações linguísticas nas aulas de língua portuguesa, pois ainda estão presos ao conceito de certo e errado, ditado pelas regras da gramática normativa, exercendo, dessa forma, um ensino

tradicional. “O pensamento tradicional só aceita a variante culta, formal, a linguagem policiada, cerimoniosa, considerando todo o resto ‘errado’”. (LUFT, 1985, p.45)

Desprender-se desse equívoco se faz necessário para a compreensão de que a língua é transformada, graças aos falantes que a utilizam de vários modos, de acordo com as situações de interação. Desconsiderar esses vários modos de se falar o português, desprezando as variações linguísticas, nada mais é do que ter uma visão reducionista e preconceituosa.

Em *Preconceito linguístico- o que é, como se faz*, Marcos Bagno (2006) assim como Luft (1985) aponta as consequências de se fazer um ensino centrado no conceito de certo e errado, desqualificando os saberes que os indivíduos têm sobre a língua, transmitindo a ideia e alimentando o mito de que “Português é muito difícil”, bem como a sensação de incapacidade e incompetência perante a língua.

Segundo Bagno (2006), o preconceito linguístico ocorre quando se restringe o ensino da língua portuguesa ao ensino da gramática normativa. Nesse sentido, ele compara a língua a “um enorme *iceberg*”, sendo a gramática normativa “a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele”. A parcela mais visível dele é a norma culta.

O autor ainda ressalta que tal preconceito resulta “da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica” presentes na sociedade através dos meios de comunicação e nas aulas, no modo tradicional como os professores ensinam os alunos, ignorando a diversidade que há na nossa língua e o conhecimento que eles têm a respeito dela. (BAGNO, 2006, p.13)

Essa postura intensifica as desigualdades sociais existentes no Brasil, dividindo os falantes: os que dominam a língua culta, pertencentes à elite, representando uma pequena parcela da população e aqueles que se expressam coloquialmente, indivíduos, que são a maioria na sociedade, chamados por Bagno de os *sem-língua*.<sup>1</sup> Nesse sentido ele explica:

É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referência ideal— por isso podemos chamá-los de sem-língua. (BAGNO, 2006 p.16,17)

---

<sup>1</sup> Casos assim aparecem, inclusive, na imprensa. Ver, por exemplo, a notícia no G1: “Médico debocha de paciente”: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-peleumonia.html>

Diante disso, muitas análises feitas por estudiosos têm comprovado, que além do preconceito linguístico há uma exclusão desses indivíduos, pois eles não compreendem os discursos proferidos de acordo com a norma-padrão.

Além disso, as variações linguísticas sempre existirão independentemente de qualquer norma que tenha como objetivo padronizá-la, pois elas se manifestam nas diferentes formas de pronunciar as palavras, de empregá-las em diferentes contextos, nas construções morfológicas, sintáticas, na expressão dos falantes de diferentes regiões, multiplicando-se com o tempo.

Dessa forma, podemos compreender que a norma culta é um ideal gramatical conservador influenciado pelo português de Portugal, distanciando-se da língua escrita e falada pelos brasileiros.

Há muitas discussões que giram em torno de se ensinar ou não gramática na escola, o que mais se evidencia são críticas ao modo como ela é ensinada ou compreendida por quem a ensina.

Nesse sentido, o autor aponta para a necessidade de se criar uma gramática que represente de fato a norma culta brasileira, explicando-a. Enquanto ela não é criada, os professores devem assumir uma nova postura sobre o que consideram norma culta, não reproduzindo e transmitindo mecanicamente a gramática normativa, mas refletindo criticamente e questionando sobre as intenções e imposições presentes nela, rompendo com o preconceito linguístico e com os métodos tradicionais de ensino.

Além disso, é necessário reavaliar a ideia que se tem de erro, tratando-o como oportunidade de se aprender sobre o contexto do uso da linguagem, conscientizando os alunos sobre o equilíbrio que deve haver entre a adequabilidade e aceitabilidade do discurso, sem que haja uma paranoia ortográfica, considerando que a língua é mutável e apresenta inúmeras variações linguísticas.

Em *Por que (não) ensinar gramática na escola*, Sírio Possenti (1996) tal como Luft (1985) e Bagno (2006) explica por que o ensino de língua portuguesa deve ser revisto partindo da concepção que se tem de gramática.

Possenti (1996) aponta a existência de três tipos de gramáticas: as gramáticas normativas ou prescritivas, as descritivas e as internalizadas. A primeira trabalha com o conjunto de regras objetivando o domínio da norma-padrão. A segunda tem como foco descrever ou explicar os diferentes modos de expressão dos falantes sem classificá-los como

certos ou errados. A terceira consiste nos conhecimentos naturais que os falantes trazem a respeito da língua, mesmo sem tê-la estudado constituindo as variações linguísticas. De acordo com o autor, é importante que os professores saibam da existência dessas gramáticas, não limitando o ensino da língua ao ensino da gramática normativa, como tem ocorrido.

Para Possenti (1996), o objetivo da gramática normativa é ditar um conjunto de regras a serem obedecidas, validando o que é correto ou incorreto de acordo com a variedade-padrão. Ao contrário da gramática descritiva e da gramática internalizada, que não têm como função promover uma avaliação de certo ou errado. Enquanto a gramática normativa tem como propósito impor um conjunto de regras, modelos de escritas a serem seguidos para que o indivíduo possa alcançar a expressão culta, de prestígio, a gramática descritiva não desqualifica nenhum modo de expressão, buscando explicar a língua a partir de suas variações. “Nesse sentido, o papel da escola não é o de ensinar uma variedade no lugar da outra, mas de criar condições para que os alunos aprendam também as variedades que não conhecem, ou com as quais não têm familiaridade [...]”. (POSSENTI, 1996, p.83)

Possenti (1996) recomenda que no processo de ensino-aprendizagem sejam exploradas as três gramáticas, começando pela gramática internalizada, tendo em vista, os conhecimentos linguísticos que os indivíduos naturalmente têm, para depois serem estudadas, sequencialmente, a gramática descritiva e, por último, a gramática normativa. A aprendizagem efetiva da língua é feita aumentando o repertório de leitura dos educandos, com o contato com diversas linguagens, desde as contemporâneas até as mais arcaicas.

A partir da produção escrita dos alunos seria analisado o domínio linguístico que eles apresentam e/ou os problemas, as dificuldades em redigir, comparando com as diversas possibilidades de construção textual.

Suponhamos que o aluno escreva numa de suas histórias uma frase simples do tipo “nós foi pescar”. O que fazer? A partir das atitudes típicas de quem faz gramática descritiva, o trabalho em sala de aula implicaria em escrever essa sequência no quadro e discutir com os alunos quem a utiliza tipicamente, se, e em que condições, pode ser usada na escrita, se é ou não é adequada e, finalmente, quais são as maneiras alternativas de dizer “a mesma coisa”.(POSSENTI, 1996, p.89)

Dessa forma, não haveria uma condenação, mas um estudo da aceitabilidade textual, de acordo com a situação e o grau de formalidade ou informalidade exigida por ela. Ao produzir o texto, o aluno utiliza os conhecimentos que domina sobre a língua, utilizando a gramática internalizada. Quando o professor faz comparações sobre os diferentes modos de expressar a mesma frase, sem ter um julgamento preconceituoso, ele utiliza a gramática descritiva, cuja função é compreender e tentar explicar o porquê os indivíduos se expressam

de diferentes modos. Por último, quando há o entendimento de que alguns modos de expressão podem ser rejeitados e, dependendo das circunstâncias, outros podem ser aceitos socialmente e que isso implica dominar um conjunto de regras a serem mobilizadas de acordo com o contexto, temos o uso da gramática normativa. Portanto, as três podem ser utilizadas nas aulas de língua portuguesa, desde que o professor tenha consciência do papel de cada uma delas, desenvolvendo no aluno a competência linguística necessária para escolher entre as variações qual é a mais adequada ou inadequada à situação.

Segundo Bagno (2007) o problema está no modo como a gramática vem sendo ensinada tradicionalmente, reproduzindo preconceitos, que privilegiam o apontamento de erros e não de reflexões sobre a intencionalidade linguística dos falantes.

Além disso, a gramática tradicional estuda a escrita, não contemplando as inúmeras possibilidades da oralidade, reduzindo o ensino de língua portuguesa a um conjunto de regras que muitas vezes inibem e prejudicam o desenvolvimento da aprendizagem. “Assim o ensino tradicional de Língua Portuguesa tende a incutir no aluno a obsessão do erro, em vez de liberar os poderes de linguagem e aprimorar a competência comunicativa.” (LUFT, 1985 p. 102)

Para Luft (1985) muitos professores desconsideram a gramática internalizada que cada falante traz consigo, partindo do pressuposto que o aluno deve aprender um conjunto de regras para se apropriar da língua, ignorando completamente aquilo que o educando já sabe.

Segundo o autor, eles não compreendem ou não têm conhecimento de que o ensino da língua se faz através de estímulos, pois costumam reproduzir práticas tradicionais de ensino às quais foram submetidos, que desconsideram as diversidades linguísticas presentes na escola.

Isso se dá desde a alfabetização, quando o docente afirma que o aluno não sabe a língua, pois não domina a ortografia sendo submetido à repetição de exercícios exaustivos, que mais punem do que incentivam o aluno a aprender. Luft (1985) sugere que o ensino seja feito a partir de estímulos que favoreçam e valorizem os saberes que os estudantes têm da língua de modo a ampliá-los. “O falante, exposto a modelos de um ou outro nível, um ou outro dialeto, um ou outro conjunto de variantes, exercita-se e cresce linguisticamente.” (p. 60)

Dessa forma a aprendizagem efetiva dependerá dos estímulos recebidos do ambiente, da interação construída pelo falante desde a infância, bem como de suas condições socioeconômicas e culturais e não de exercícios repetitivos, centrados no ensino mecanizado.



### 1.3 Reflexões sobre variação linguística e ensino

Na escola, é comum encontrarmos muitas queixas por parte dos professores que diante de tentativas frustradas de ensino, criticam o modo como os alunos se expressam, apontando-lhes os erros cometidos.

Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004) diz que o professor deve estar preparado para lidar com situações em que o aluno apresente dificuldades, não adotando atitudes que possam constranger e/ou humilhar o educando, visto que esses erros, nada mais são do que as diferenças apresentadas pelas variedades linguísticas.

É função da escola respeitar as variedades linguísticas e entendê-las, mostrando-as, comparando-as por meio de exemplos de situações em que os falantes se expressem de forma culta ou coloquial.

No entanto, nas práticas escolares é comum observarmos professores que tratam das variações linguísticas esporadicamente, não dando à devida importância e/ou atenção ao assunto, como se o aluno tivesse que aprender um novo idioma ao frequentar a escola, o português-padrão.

Em muitos casos, os alunos passam a encontrar muitas dificuldades em aprender a língua portuguesa, dificuldades advindas de um mito, de que aprender português é algo difícil.

Nesse sentido, Bagno (2006) explica que tal afirmação preconceituosa é reproduzida porque o conjunto de regras ensinadas a partir da gramática normativa pouco tem a ver com a expressão real dos falantes seja ela oral ou escrita. Essa ideia poderia ser desfeita se o ensino estivesse voltado para o “uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa”. (p. 35)

*Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*, Bagno (2007) aponta a necessidade de um ensino voltado às concepções sociolinguísticas, que contemple a heterogeneidade linguística e social. Segundo ele, é impossível dissociar os estudos linguísticos dos sociais, pois todas as interações ocorrem por meio da linguagem, que é transformada constantemente nas relações pelos os indivíduos de diferentes culturas. Dessa forma, apontar a heterogeneidade significa reconhecer as diferenças e as mudanças que ocorrem na língua de acordo com fatores geográficos, socioeconômicos, de idade, sexo e grau de escolarização dos falantes.

Além disso, as variações linguísticas podem ser classificadas em: diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica. A variação diatópica estabelece a comparação entre os falantes de diferentes regiões. A variação diastrática estabelece a comparação entre os falantes de diferentes classes sociais. A variação diamésica estabelece a comparação entre a língua falada e a língua escrita através da análise dos gêneros textuais. A variação diafásica corresponde “ao uso diferenciado que o indivíduo faz da língua, de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal”. (BAGNO, 2007, p.47) A variação diacrônica corresponde à comparação entre as mudanças que ocorrem na língua ao decorrer do tempo.

Em muitas situações as variações linguísticas são apontadas equivocadamente como erros cometidos por indivíduos não escolarizados ou provenientes de áreas rurais, temos como exemplo as atividades de livros didáticos que trazem a pronúncia deles como alvo de sátira, de desprestígio, ao passo que muitos indivíduos escolarizados se sentem superiores por considerarem o seu modo de expressão o mais correto, de acordo com a norma-padrão.

Além do preconceito, o que é posto em prática é o juízo de valor que é feito através do modo de expressão, marcado ora pelo estigma ora pelo prestígio social. Dessa forma, Bagno (2007) explica que quanto mais escolarizado o indivíduo for, mais o seu modo de expressão será valorizado, prestigiado, ao contrário do indivíduo que não estudou, que tem a sua expressão avaliada como um erro, sendo estigmatizado como ignorante.

A avaliação, no entanto, não recai sobre a língua e, sim, sobre o indivíduo, no papel que ele desempenha na sociedade. “Essa avaliação pode ser positiva, se a pessoa julgar que seu/sua interlocutor/a pertence a uma classe social mais prestigiada, tem mais “estudo”, exerce uma profissão valorizada socialmente”. (BAGNO, 2007, p.77)

De acordo com essas constatações, Bagno (2007) nos leva a refletir a respeito do papel da escola na abordagem das variações linguísticas a partir de duas faces: da face linguística e da face sociocultural. A primeira não identifica as variações linguísticas como erros, mas como diferentes formas de expressão que podem ser explicadas cientificamente. Ao contrário da segunda, que parte do senso comum, de avaliações preconceituosas, estigmatizando os falantes.

Segundo ele, o ensino deve partir do conhecimento dessas realidades, reconhecendo-se que a face sociocultural, infelizmente, é predominante por representar os interesses socialmente hierarquizados.

Além disso, a relação entre fala e escrita defendida pela Gramática Tradicional: considerando a fala coloquial (informal) e a escrita culta (formal), recentemente, foi rompida pelos estudos sobre os gêneros textuais desenvolvidos por Luiz Antônio Marcuschi.

Em *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (2001), o autor esclarece que não há, ou pelo menos, não deveria haver uma relação de superioridade ou inferioridade entre ambas, pois tanto a oralidade quanto a escrita são heterogêneas e se materializam em diversos gêneros textuais, sendo estes formais e informais, atendendo a práticas sociais específicas. Dessa forma, “...tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois, de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários.” (MARCUSCHI, 2001, p.22)

Segundo Bagno (2007), muitos livros didáticos apresentam problemas quanto à abordagem das variações linguísticas. Há situações em que os falantes não escolarizados e/ou pertencentes ao meio rural são expostos como se somente eles se comunicassem de forma diferente, dando a falsa impressão que os falantes escolarizados não produzem mudanças na língua. Outro problema são os exercícios que pedem para os alunos reescreverem diálogos que apresentam variações linguísticas, passando-os para a norma-culta. Nesta situação há dois problemas: o de preconceito em relação às variações, considerando-os erradas ao ponto de corrigi-las e o segundo em não se respeitar e refletir sobre as diferenças culturais presentes nas falas dos indivíduos.

O professor deve ter em mente alguns princípios norteadores da sua prática como: promover o incentivo à leitura, valorizando a participação dos alunos, mostrando-lhes a importância de ter conhecimento de todas as variedades linguísticas; utilizar como base o texto para o ensino da gramática, partindo de situações significativas e propor reflexões sobre o uso da língua em diferentes contextos sociocomunicativos.

Diante disso é preciso desenvolver a reeducação sociolinguística, que implica mudanças nas práticas pedagógicas docentes, levando os discentes a refletirem sobre a importância de se aprender a língua portuguesa, bem como as variações linguísticas, a partir do conhecimento que eles já possuem sobre o idioma, ampliando-o de forma a se questionar e combater qualquer tipo de preconceito ou discriminação.

Nesse sentido, a pesquisa com os Cadernos do Professor é um meio de verificar como tem sido feito o trabalho pedagógico com as variações linguísticas a partir das orientações trazidas por esse material: se correspondem às orientações trazidas pelos PCNs e estão de

acordo com o Currículo do Estado de São Paulo, se de fato despertam nos alunos o saber crítico ou apenas servem como forma de apontar o que é certo ou errado de acordo com o estudo de uma única variedade, como veremos a seguir.

## **2 OS MANUAIS DO PROFESSOR**

### **2.1 Os manuais do professor como material de apoio ao Currículo do Estado de São Paulo**

Os manuais do professor, intitulados de Caderno do Professor, apresentam dois volumes por série, correspondendo aos estudos do primeiro e segundo semestres, respectivamente. Os conteúdos dos anos finais do Ensino Fundamental estão nas últimas páginas de cada caderno e são divididos em: Conteúdos gerais, Estudos linguísticos (Estudo da língua) e Leitura, escrita e oralidade. O estudo das variedades linguísticas aparece em todas as séries e semestres, junto com os conteúdos gramaticais, na parte de Estudos Linguísticos (Estudo da Língua). Os Conteúdos gerais partem dos estudos característicos das tipologias e de gêneros textuais e a Leitura, escrita e oralidade aprofundam a compreensão tanto das tipologias como dos gêneros.

Cada Situação de Aprendizagem apresenta um quadro com sequências didáticas, trazendo orientações pedagógicas sobre as competências e as habilidades a serem desenvolvidas, bem como os conteúdos e as atividades propostas. Nesse sentido, servirão como objeto de análise e pesquisa a abordagem das variedades linguísticas na nos Cadernos do Professor do sexto ao nono ano, considerando o começo do ciclo de aprendizagem e o fim desse mesmo ciclo.

Cada Caderno traz no início as Orientações sobre os conteúdos do volume. Em todos eles aparecem nos primeiros parágrafos o objetivo das Situações de Aprendizagem, visando que os educandos desenvolvam as suas habilidades linguísticas, de modo que tenham contato com diversos textos para aprenderem como utilizar a linguagem em diferentes contextos sociais. Para que este objetivo possa ser alcançado recomenda-se o estudo das variedades linguísticas, pois estas permitem aos indivíduos explorarem as inúmeras possibilidades de expressão, ampliando o repertório linguístico que possuem. Além disso, as recomendações para o desenvolvimento dessas Situações de Aprendizagem estão pautadas nos princípios de cinco competências presentes no Currículo, a primeira delas corresponde ao domínio da norma-padrão e da adequação da linguagem de acordo com as situações de uso. Já ao indicar “adequação da linguagem de acordo com as situações de uso”, considera-se uma perspectiva

de variação natural da língua em diferentes momentos; assim, observa-se a preocupação quanto ao ensino de língua materna a partir de uma perspectiva sociolinguística como são elucidados nos PCNs e no Currículo do Estado de São Paulo.

### 3 A PESQUISA

#### 3.1 O estudo dos manuais do professor a partir dos PCNs e do Currículo do Estado de São Paulo

As atividades propostas em *Estudo da Língua* priorizam conteúdos morfológicos e o ensino da gramática normativa, visando o domínio da norma-padrão. Apesar de se observar certa preocupação teórica com os princípios norteadores dos PCNs e do Currículo do Estado de São Paulo, as orientações dadas aos professores para o desenvolvimento das atividades são superficiais, não aprofundando as variações linguísticas e a questão do preconceito linguístico.

Cada Situação de Aprendizagem parte do estudo de gêneros e tipologias textuais, no entanto, em *Estudo da Língua*, poucos textos são utilizados com o propósito de se contextualizar o ensino das variações linguísticas. Outro problema surge da forma como as variações linguísticas são nomeadas: na maioria das vezes, elas são exploradas, em virtude de outros conteúdos, como, por exemplo, a Ortografia, ou ainda, pelo grau de informalidade da língua, como se apenas a linguagem coloquial apresentasse mudanças. Dessa forma, serão apresentados alguns exercícios com as orientações pedagógicas dadas aos professores sobre o ensino das variações linguísticas, mostrando em quais circunstâncias, ainda que isoladas e pouco detalhadas, elas são abordadas.

#### Estudo da língua: ortografia

Para o desenvolvimento de habilidades especificamente linguísticas, propomos duas atividades de ortografia desenvolvidas com base em textos ou situações narrativas.

1. No trecho a seguir, há cinco palavras com ortografia incorreta dentro do contexto. Peça aos alunos que as encontrem e discutam se esses usos comprometeram o sentido do texto ou não, e que justifiquem suas opiniões.

Eu estava na maior espectrativa... Não sabia o que fazer: agardar o telefonema ou ligar eu mesmo? Era preciso tomar um decisão. A seção do filme estava marcada para 16:00h. Será que pegaria mau ligar?

As palavras que devem ser observadas são: *expectativa*, *aguardar*, *decisão*, *sessão* e *mal*. Acreditamos que os alunos darão mais destaque às duas primeiras, pois a forma como foram grafadas dificulta o entendimento do leitor. No caso dos outros termos, "decisão" apresentou um desvio que não compromete o sentido, mas que não deve ser usado na variedade padrão da língua. No caso das duas últimas, o problema é que os termos usados estão escritos em sentido diferente da grafia empregada. Destaque todos esses aspectos com os alunos, explicando o porquê de cada correção.

**Figura 1:** Atividade 1 proposta para o 6º ano

**Fonte:** Caderno do Professor–Anos Finais 5ª série/6º ano (SÃO PAULO, 2014, p. 85)

O título da atividade especifica o teor ortográfico atribuído à atividade, ou seja, de correção. No enunciado, não são explicados em qual contexto a mensagem poderia ser usada ou o porquê ela deve ser corrigida. O gênero também não é especificado, apenas há a tipologia. Solicitar aos alunos que encontrem os erros e reflitam sobre o entendimento de uma mensagem coloquial induzem a julgamentos preconceituosos sobre a língua.

As orientações dadas ao professor também são superficiais e confusas, pois pressupõem, hipoteticamente, que os alunos encontrarão dificuldades quanto ao entendimento da mensagem devido aos erros ortográficos presentes em algumas palavras e, por isso, todas deveriam ser corrigidas. Além disso, não são explicados detalhadamente os motivos que justificam o uso da variedade padrão e a qual objetivo enunciativo ela atende, pois não há delimitação do gênero textual, portanto, não é possível identificar os interlocutores.

A segunda atividade, assim como a primeira, trata de questões ortográficas.

A segunda atividade traz um texto com a personagem Chico Bento, dos quadrinhos de Mauricio de Souza.

2. Leia o texto do quadro a seguir e faça a atividade proposta.

Durante uma pescaria, Chico Bento acaba adormecendo, mas acorda contrariado com o puxão de um peixe. Tem então uma ideia! Pendura, no anzol, um aviso com o seguinte texto:

“Procure outro anzor, to drumindo”.

Como se fala de um jeito, mas se escreve

É importante que não reconheçam a fala de Chico como errada, uma vez que é uma variedade geográfica legítima, mas inadequada ao registro escrito, mais formal, exigindo, portanto, o uso do português padrão.

de outro, Chico cometeu alguns erros ortográficos. Assinale a versão correta do aviso:

- a) Procure outro anzol, estou dormindo.
- b) Procure outro anzou, estou dormindo.
- c) Procure outro anzol, tou dormindo.
- d) Procure outro anzól, tou dormindo.

NÓBREGA, Maria José. Os tons e mil tons do português no Brasil. In: MURRIE, Zuleika de Felice (Coord.). *Língua portuguesa, língua estrangeira, educação artística e educação física*: livro do estudante: Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Inep, 2002. p. 151.

Para além da resposta, é importante que você destaque com os alunos que o grande problema do texto de Chico Bento é que ele foi escrito, e não falado. A língua escrita é, normalmente, mais formal e exige, portanto, que o falante use a norma-padrão da língua.

**Figura 2:** Atividade 2 proposta para o 6º ano

**Fonte:** Caderno do Professor–Anos Finais 5ª série/6º ano (SÃO PAULO, 2014, p. 85)

A questão tem como objetivo corrigir a fala caipira de Chico Bento. Tal correção é justificada por considerar a fala mais formal que a escrita. No entanto, ambas podem apresentar variações formais e informais, de acordo com os propósitos situacionais e comunicativos dos gêneros textuais. Além disso, segundo Marcuschi (2001, p.124), “a escrita não é uma representação da fala.” Nesse sentido, ao corrigir a fala caipira de Chico Bento, há um desrespeito quanto ao registro da oralidade do personagem, marca de sua identidade cultural, o que o descaracterizaria, produzindo, dessa forma, preconceitos quanto ao modo de expressão dos indivíduos oriundos do meio rural. No trecho: “É importante que não reconheçam a fala de Chico como errada...”, há uma incoerência, pois é exatamente isso que o exercício propõe, tanto que são apontadas alternativas e apenas uma é considerada correta.

## Estudo da língua (2)

Nesse segundo “Estudo da língua”, será conduzida uma sequência que aborda a questão das variedades linguísticas.

### Parte 1

A linguagem utilizada pelo autor Ferréz, em seu texto *Biblioteca Êxodos* (Situação de Aprendizagem 3), é bastante informal, com várias expressões coloquiais e gírias. Em duplas:

1. Retirem do texto dois trechos com palavras e expressões próprias da linguagem coloquial.

Alguns exemplos de trechos com uso coloquial da linguagem:

### 3. Reflitam:

- ▶ Um jornalista poderia escrever notícias usando a linguagem informal que Ferréz empregou em seu texto? Por quê?
- ▶ Vocês, como leitores de notícias, esperam encontrar informalidade e afetividade em uma notícia de jornal? Por quê?

Espera-se que os alunos tenham compreendido que a informalidade na linguagem não é adequada ao jornal, pois seria incoerente com sua função social e comunicativa.

“Bom, foi nas andanças em várias quebradas que cruzei a primeira vez com ele.”

“A identificação foi imediata, curtia rap, mas tinha vontade de aprender com a literatura: convidei para ir em casa, e me surpreendi quando no outro dia ele tava lá.”

### 2. Respondam:

- a) Quais seriam os leitores supostos por Ferréz?

Os leitores preferenciais seriam os jovens da comunidade em que o autor vive.

- b) Por que vocês acham que Ferréz escreve de maneira informal, como se estivesse conversando? Por que o autor usa gírias em seu texto?

Ferréz se expressa de modo a ser compreendido por seus leitores, causando uma possível maior identificação entre texto e leitor.

**Figura 3:** Atividade sobre tipologias narrativas proposta para o 7º ano

**Fonte:** Caderno do Professor–Anos Finais 6ª série/7º ano (SÃO PAULO, 2014, p. 56)



A atividade parte do texto *Biblioteca Êxodos*, escrito pelo escritor Ferréz (ver o ANEXO A – Texto Biblioteca Êxodos). Trata-se de um relato autobiográfico sobre o processo de construção da biblioteca dentro da comunidade. Segundo as orientações, a linguagem utilizada pelo autor atende ao público a que se destina: jovens da periferia. Não são apresentados outros tipos de dialetos como exemplos. Cria-se, dessa forma, a falsa impressão de que as gírias fazem parte, apenas, da expressão de jovens da periferia e devem ser banidas, quando comparadas à linguagem das notícias de jornal, que assim como os relatos apresentam uma estrutura narrativa, porém têm como característica a formalidade e a impessoalidade. O enunciado da questão 2-b apresenta a dicotomia entre oralidade e escrita, ao considerar que o autor escreve como se estivesse conversando informalmente, como se as variações fossem advindas da fala informal e não das transformações naturais que a língua sofre, tanto na sua modalidade oral como na escrita, seja ela formal ou informal.

11. Compare os dois usos de Imperativo do verbo *sair* nas situações a seguir:

Situação 1	Situação 2
Dois jovens conversando em uma lanchonete: – Sai daí, cara, que eu quero sentar! – Sai você! Ou senta em outro lugar! – Você é um folgado mesmo... – Eu, né?	Dois jovens conversando em uma lanchonete: – Saia daí, cara, que eu quero sentar! – Saia você! Ou sente em outro lugar! – Você é um folgado mesmo... – Eu, né?

a) Quais são as diferenças de uso do Modo Imperativo entre a primeira e a segunda situação?

A diferença está na variedade utilizada. A primeira é a coloquial, e a segunda, do ponto de vista do emprego do Modo Verbal Imperativo, é a padrão.

b) Observando os verbos em destaque, os interlocutores, em situações informais, costumam usar a primeira ou a segunda forma?

A primeira. Solicite aos alunos que construam, oralmente, orações imperativas para que percebam o uso da variedade coloquial.

c) Se estivermos em uma situação descontrainda de comunicação, que uso do Imperativo podemos fazer? Explique sua opinião.

Devemos optar pela forma coloquial, pois indica uma adequação dos interlocutores à situação de comunicação. Assim, você pode passar aos alunos a ideia de que não há uso "errado", mas sim o uso adequado ou não à situação.

d) E se estivermos em uma situação de comunicação mais séria e formal? Explique sua opinião.

Devemos usar a norma-padrão, pois indica uma adequação dos interlocutores à situação de comunicação. Desse modo, constrói-se a ideia de que não há uso "errado", mas sim a forma adequada ou não à situação.

**Figura 4:** Atividade sobre o modo imperativo proposta para o 8º ano

**Fonte:** Caderno do Professor–Anos Finais 7ª série/8º ano (SÃO PAULO, 2014, p. 20)

A atividade tem como objetivo demonstrar a intencionalidade comunicativa a partir do uso de verbos no modo imperativo, adequando o discurso entre os interlocutores à situação.



As questões propostas não induzem os alunos a produzirem um julgamento sobre o que é certo ou errado na comunicação estabelecida, mas realizarem reflexões sobre a adequação ou a inadequação linguística. Dessa forma, os alunos poderão compreender as variações linguísticas como fenômenos naturais, além de realizarem o estudo dos verbos do modo imperativo, de acordo com a gramática descritiva.

**Situação 1**

Você é um sitiante e vende 50 cabeças de boi para um frigorífico de sua cidade. Cada cabeça vale 200 reais. Sendo assim, o valor total da venda é R\$ 10 000,00. O comprador propõe que o pagamento seja feito em cinco prestações de 2 mil reais. Você aceita a proposta, mas precisa se certificar de que os pagamentos serão efetuados.

Como você poderia registrar essa venda e a forma de pagamento a fim de garantir o recebimento de todo o dinheiro? Acreditar apenas na palavra do comprador? Mas como provar que os bois foram entregues, caso o comprador não pague a dívida?

Por conta dessa dúvida e tantas outras, podemos dizer que a escrita surgiu como um tipo de solução. Pondo por escrito o trato, ambos – você e o comprador – poderiam ter a garantia de que receberiam aquilo que lhes cabe. De que forma, porém, vocês escreveriam isso? Que variedade linguística vocês utilizariam? Poderiam escrever como falam? Vocês teriam de usar uma variedade da língua portuguesa comum a ambos. Quer dizer, teriam de escrever o fato (compra/venda do gado; valor da negociação, condições de pagamento) de forma clara, possível de ser lida pelos dois envolvidos na situação e por qualquer outra pessoa que pegasse esse texto.

Por isso, o ideal é que ele fosse escrito em uma linguagem formal, padrão e, portanto, sem gírias, sem expressões coloquiais ou regionais. Essa linguagem formal, por ser padrão (modelo conhecido por pessoas letradas), pode superar as possíveis diversidades (diferenças) entre interlocutores (quem escreve e quem lê) de um texto. Ou seja, mesmo que os interlocutores utilizem, no seu dia a dia, variedades linguísticas diferentes da variedade culta padrão, se forem razoavelmente letrados, terão condições de entender a mensagem desse documento.

Atividade adaptada de: AGUIAR, Eliane Aparecida. Das palavras ao contexto. In: MURRIE, Zuleika de Felice (Coord.). *Linguagens, códigos e suas tecnologias*; livro do estudante: Ensino Médio. Brasília: MEC/Inep, 2002. p. 146.

**Figura 5:** Atividade proposta para o 9º ano sobre o gênero contrato

**Fonte:** Caderno do Professor–Anos Finais 8ª série/9º ano (SÃO PAULO, 2014, p. 46)

A situação proposta prevê a utilização da norma-padrão na escrita como forma de garantir que um contrato de compra e venda de animais seja efetivado, sem prejuízo para ambas as partes. O enunciado traz uma série de questões para convencer o leitor a optar pela escrita, de acordo com a norma-culta, pois, esta seria a melhor aceita e compreendida pelos indivíduos, superando as diversidades linguísticas. No entanto, a orientação apresenta problemas, quando questiona o leitor se ele poderia escrever como fala. Tal questionamento produz um estigma de que a fala é descuidada, e/ou de que os indivíduos por serem oriundos do meio rural não saberiam como escrever um contrato, pois se expressam oralmente, utilizando as variedades regionais, gírias e expressões coloquiais. Dessa forma, o texto induz o leitor a ter uma visão reducionista sobre a oralidade, como se ela fosse inferior comparada à escrita.

### Situação 3

#### Fazendo um contrato

Imagine que o texto a seguir seja o contrato que você fez com o comprador de seus bois, para garantir o negócio apresentado na Situação 1.

*Senhor comprador: estou vendendo os meus boizinhos com muita dó no coração. Mas fazer o quê? Assim é a vida, não é? Espero que você cuide bem deles: trate-os com carinho e chame-os pelos nomes. Ah! Já ia me esquecendo: tem a Joaquina, o Bartolomeu, a Cristeva, o Juquinha... Mas vamos aos negócios. Vou esperar o seu pagamento naqueles dias que combinamos. Se precisar de mais uns dias, não tenha vergonha de me falar. Um abraço. O Vendedor.*

Em sua opinião:

- a) ( ) a linguagem que o autor utilizou é apropriada para um contrato de compra e venda, pois é formal, objetiva e clara, sem palavras que indiquem afetividade.
- b) ( ) as informações realmente importantes foram colocadas no texto: os prazos para o pagamento, o valor de cada parcela, como efetuar o pagamento.
- c) ( ) o nome dos bois e vacas vendidos era uma informação fundamental para a realização do negócio.
- d) ( X ) a linguagem afetiva e informal utilizada nesse texto não é apropriada para um contrato, pois o autor parece estar escrevendo uma carta pessoal para um amigo.

Atividade adaptada de: AGUIAR, Eliane Aparecida. Das palavras ao contexto. In: MURRIE, Zuleika de Felice (Coord.). *Linguagens, códigos e suas tecnologias*: livro do estudante: Ensino Médio. Brasília: MEC/Inep, 2002. p. 147.

**Figura 6:** Continuação da atividade para o 9º ano sobre o gênero contrato

**Fonte:** Caderno do Professor—Anos Finais 8ª série/9º ano (SÃO PAULO, 2014, p.48e 49)

A situação 3 retoma a situação 1, citando como exemplo a escrita feita pelo vendedor. A linguagem afetiva e informal aparece como inadequada à situação por não apresentar as características do gênero contrato. Contudo, por se tratar de um documento, não são apresentados modelos de contratos de compra e venda e não há orientações didáticas e pedagógicas para a produção desse gênero, apesar de o título ser “Fazendo um contrato”.

### 3.2 Os resultados obtidos a partir da análise das atividades e orientações propostas sobre as variações linguísticas

As atividades propostas em Estudo da Língua abordam as variações linguísticas de acordo com a perspectiva sociocultural, defendida por Bagno (2007). As situações de aprendizagem, geralmente, partem de exemplos de indivíduos provenientes de áreas rurais, jovens da periferia que fazem uso da gíria, salientando a necessidade de tais variedades serem evitadas e corrigidas, produzindo estigmas preconceituosos quanto ao modo de expressão desses falantes, como se apenas eles produzissem variações linguísticas.

Com exceção da atividade proposta sobre o estudo dos verbos no modo imperativo, há enunciados mal formulados quanto ao desenvolvimento das demais atividades, dificultando a compreensão dos gêneros textuais, que de acordo com o Currículo do Estado de São Paulo e das orientações pedagógicas contidas nos Cadernos do Professor, serviriam como meio para que os estudantes tivessem contato com diversos textos, ampliando o repertório linguístico que possuem.

A oralidade (fala) aparece nas atividades como sendo sempre informal (coloquial) e responsável por produzir as variações linguísticas. A escrita aparece como se fosse superior à oralidade por ser formulada de acordo com a norma-padrão. A mesma relação de hierarquia ocorre diante da língua culta e língua coloquial, sendo esta última considerada inferior, desconsiderando a heterogeneidade que há em ambas. Tal heterogeneidade não é abordada, pois não há atividades adequadas, voltadas ao estudo das variedades linguísticas: diatópicas, diastráticas, diamésicas, diafásicas e diacrônicas. A ausência dessas atividades prejudica o desenvolvimento das habilidades linguísticas necessárias para a compreensão e a adequação da linguagem diante dos inúmeros contextos sociocomunicativos aos quais os indivíduos estão inseridos, além de comprometer o saber crítico e o respeito pela expressão cultural deles, colaborando para a reprodução de atitudes preconceituosas.

Nesse sentido, as atividades também contrariam o que é proposto pelos PCNs, desrespeitando o modo de expressão dos estudantes, desconsiderando o conhecimento prévio que eles possuem sobre a língua materna, não propiciando oportunidades significativas de aprendizagem.

Diante disso, as orientações pedagógicas dadas aos professores são ineficientes, pois não conciliam a proposta contida no Currículo do Estado de São Paulo e no Caderno do Professor com a prática orientada e desenvolvida por meio das atividades, que precisariam ser revistas.

#### 4 CONCLUSÕES SOBRE OS RESULTADOS

Ao enxergamos com mais nitidez os problemas advindos de uma visão preconceituosa e reducionista da língua e de suas consequências para o ensino, observamos o quanto os alunos são excluídos do processo de aprendizagem por não se comunicarem de acordo com as expectativas de uma classe dominante, que tem ditado ao longo do tempo o padrão a ser seguido, o da norma-culta, presente na gramática normativa. Não ensiná-la na escola é o mesmo que não permitir que os alunos tenham acesso às mesmas oportunidades daqueles que a dominam.

No entanto, isso não significa saber empregar um conjunto de regras, mas sim, refletir criticamente sobre os diferentes modos de se utilizar a língua, diante das inúmeras variações linguísticas. Diante disso, é importante os professores terem discernimento e conhecimentos necessários a fim de refutarem práticas pedagógicas que colaboram para atitudes preconceituosas, disseminando o preconceito linguístico. Tal consciência surge a partir da formação continuada do docente, da revisão de atividades centradas no ensino da gramática tradicional, que, como visto, privilegia o apontamento de erros. Outros materiais pedagógicos como livros didáticos e apostilas, destinadas tanto aos alunos como aos professores, devem conter informações sobre o ensino das variações linguísticas, bem como sequências didáticas com atividades que abordem as inúmeras diferenças presentes no Português, seja ele culto ou coloquial, como apontam as orientações presentes nos documentos oficiais.

Nesse sentido se faz necessário repensar se o ensino tem sido emancipatório, comprometido com a construção de saberes críticos, ou, simplesmente, tem contribuído para perpetuar os preconceitos e as desigualdades, tão comuns, infelizmente, dentro da nossa sociedade.

Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem cumpre o seu papel, quando torna o aluno um ser curioso, crítico e capaz de questionar o que lhe impõem, sabendo mobilizar os seus conhecimentos linguísticos e utilizá-los adequadamente nas diversas situações sociocomunicativas.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. O que é: como se faz. 47ª. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2006.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística/Marcos Bagno.-São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino-Porto Alegre: L&PM, 1985.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização/ Luiz Antônio Marcuschi – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2001.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola** / Sírio Possenti — Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil)
- SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo**: Linguagens, códigos e suas tecnologias /Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Material de Apoio ao Currículo do Estado de São Paulo. Caderno do Professor: Língua Portuguesa – ensino fundamental: anos finais 5ª série/6º ano**. São Paulo: SE, 2014.v.1.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Material de Apoio ao Currículo do Estado de São Paulo. Caderno do Professor: Língua Portuguesa – ensino fundamental: anos finais 6ª série/7º ano**. São Paulo: SE, 2014. v.2.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Material de Apoio ao Currículo do Estado de São Paulo. Caderno do Professor: Língua Portuguesa – ensino fundamental: anos finais 7ª série/8º ano**. São Paulo: SE, 2014. v.1.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Material de Apoio ao Currículo do Estado de São Paulo. Caderno do Professor: Língua Portuguesa – ensino fundamental: anos finais 8ª série/9º ano**. São Paulo: SE, 2014. v.1.
- VICTAL, Renata. **Médico debocha de paciente na internet**: ‘Não existe pneumolia’. G1 [Campinas, SP] 29/07/2016 12h56-Atualizado em: 30/07/2016 10h43. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-peleumonia.html>>. Acesso em: 07 jul. 2018, às 11h48.

## ANEXOS

### ANEXO A – Texto Biblioteca Êxodos



1. Dessa vez, peça aos alunos que realizem uma leitura individual e silenciosa do texto.

#### Biblioteca Êxodos

Bom, foi nas andanças em várias quebradas que cruzei a primeira vez com ele.

Andava sempre arrumado, camisa com botões, sempre aberta, um boné estilo beisebol e uma corrente banhada com um pingente de Jesus.

A identificação foi imediata, curtia *rap*, mas tinha vontade de aprender com a literatura; convidei para ir em casa, e me surpreendi quando no outro dia ele tava lá.

O apelido, Nego Du, era uma abreviatura do seu nome, Eduardo. Conversamos por algumas horas, e ele ficou de voltar. Na época revirou todos os meus livros para pegar um emprestado.

Depois disso foi constante sua presença, chegava já falando em comida, minha mãe fazia o prato e, quando eu não tava, era a mesma coisa, não sei explicar, mas minha mãe adorava ele. Nego Du era presença confirmada em todos os meus lançamentos, sempre tava com livros nas mãos, fazia parte de um grupo de *rap* chamado Realismo Frontal, que mais tarde adotaria o nome de Negredo. Com o Nego Du eu gravei um especial pra Record na laje de uma casa, que era um ponto de venda de drogas, casa essa que mais tarde, de tanto a gente encher o saco, os caras largaram.

Foi aí que o Brown e o Negredo se apropriaram da casa e começaram a pensar em fazer uma rádio. O tempo foi passando, as coisas mudando, e o projeto da rádio não saía; foi quando eu dei a ideia de fazer uma biblioteca no lugar, convenci um a um, e o mais difícil foi o Brown, mas ele e o pessoal acabaram aceitando. Juntamos alguns trocados e compramos os materiais, o Brown chegava sempre com vontade de comprar caixas de som, de comprar discos, e eu pensando nos livros, e assim se passaram cinco anos, até que a casa estivesse pronta.

Pra manter a ordem das nossas ideias, separamos dois ambientes, um pra livro e outro pra som, o DJ Ale, junto com o DJ Odair, sempre tava lá montando as *pick-ups* e fazendo um som, e eu pensava: “Como isso vai ser uma biblioteca com um barulho desses?”. O Brown contratou um marceneiro que fez as estantes, e eu organizei os livros, entre um trampo e outro, muita conversa, quem ganhava éramos todos nós com tanto ponto de vista diferente.



Graças ao Arnaldo, estava tudo pintado e só faltava bolar a inauguração, quando a laje começou a vaziar, cada chuva vazava mais, até que ficou lastimável a situação.

O que seria o certo? Derrubar tudo e fazer de novo? Cê ainda tinha outro problema, um mano tava requisitando, que era dono da laje da casa e queria mudar pra lá de todo jeito, mas no debate ele perdeu, afinal nós somos fortes na comunidade, e estávamos lutando não por algo pessoal, mas por algo que envolve toda a comunidade. Mesmo assim, com o consenso de que ele precisava de uma casa, alguns manos juntaram uma grana e compraram um barraco pra ele.

Enquanto tudo isso acontecia para que a biblioteca ficasse pronta, num dia fatídico saiu um tiroteio na rua, e dois caras discutindo chegaram a trocar tiro e acertaram uma criança de 4 anos, e vocês não têm ideia do que é ter um peso desses na mente, afinal, se a biblioteca estivesse funcionando, talvez esse pequeno agora estivesse vivo.

E começamos a reconstrução da biblioteca, chegaram com a gente a Sophia Bisiliat e a sua mãe, Maureen, trouxeram várias ideias, entre elas a de um DVD com a festa que o Negredo organizava todo ano na mesma rua da biblioteca, e a renda desse DVD seria para terminar a obra.

Começamos a projetar o DVD, juntamos vários artistas de *hip-hop* e no meio do caminho também nos decepçionamos com vários manos que de projeto social têm nojo até do nome, mas nem tudo é ruim, outros manos somaram mil graus, como o Gog, o Realidade Cruel, Zâ-frica, Detentos do Rap, RDG, Muralha Sul, Colt 44, Rosana Bronx, Consciência Humana e Otraversão. E a festa aconteceu com a presença de 8 000 pessoas.

O DVD foi realizado, chama-se *100% Favela*, além do *show*, tem um documentário comigo, o Brown e o Negredo, além dos caras no estúdio. O DVD foi um sucesso pela qualidade e pelo trabalho de juntar tanta gente boa do *rap*, os que não quiseram se envolver hoje ficam se lamentando.

A renda do DVD é destinada ao projeto, mas uma má-fé na distribuição acabou nos deixando na mão e pouca coisa sobrando para a biblioteca, enquanto isso o tempo ia passando. Só com os recursos nossos tava difícil terminar, e chegou uma parceria que aos poucos foi somando, que é o Marcelo Loureiro, da Hucka. Ele começou a trazer um engenheiro, que redesenhou o projeto e começou a nova obra. Um corre danado e o Arnaldo (Negredo) tava de linha de frente na reconstrução de tudo. Um dia chego lá todo animado e o Arnaldo tá com uma marreta de 3 quilos derrubando as paredes. Quando vi tudo destruído quase chorei, mas depois de alguns meses vi que tava valendo a pena recomeçar.

Pelo terreno ser úmido e a casa, mal desenhada, era necessário refazer, e até intervir em casas próximas, já que a favela é muito desorganizada.

Bom, finalmente terminou a obra, enquanto estava construindo recebemos escritores importantes, entre eles, Paulo Lins (*Cidade de Deus*), Buzo (*O trem*), Arnaldo Antunes, Lourenço Mutarelli. Levar tanto tempo valeu a pena, porque vimos um ponto de droga virar um ponto de cultura, e naturalmente quem usava drogas nas vielas foi saindo e deu espaço para um novo público, o da leitura. Hoje, depois da inauguração, dá pra ver que valeu muito a pena, o segundo andar da biblioteca chama Nego Du e vive lotado de criança, chamando a gente de tio pra cá, de tio pra lá. A gente tá tendo que aprender a lidar com elas, pois

não esperávamos esse público, pensamos em jovens e adultos. E foi uma surpresa, como tem sido todos os dias, cada coisa que elas falam; a cada ato que fazem, quem aprende muito mais somos nós.

O Gel, que é um grafiteiro daqui, juntou mais vinte nomes do grafite e pintou todas as vielas próximas à biblioteca, e não é difícil você trombar com palavras como “Sabedoria” ou “Conhecimento” entre um beco e outro.

É pouco, sei disso, comparado com as mil bibliotecas que o governo prometeu no começo do mandato, mas essa única biblioteca na favela é de todos nós e, ao contrário das mil do governo, essa é real.